

O intercâmbio intelectual entre Brasil e Portugal através da correspondência entre Alberto de Serpa e Jorge de Lima (1927-1952)

Intellectual exchange between Brazil and Portugal through the correspondence between Alberto de Serpa e Jorge de Lima (1927-1952)

Raphael Salomão Khéde

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar 17 cartas escritas por Alberto de Serpa (1906-1992) para Jorge de Lima (1893-1953), entre 1927 e 1948, e 9 cartas enviadas por Jorge de Lima para Alberto de Serpa entre 1934 e 1952. A leitura das cartas nos permite o acesso à reconstrução de aspectos relacionados à vida dos dois autores, às suas obras e ao contexto histórico e cultural do Brasil e de Portugal entre os anos 1930 e 1950. Em particular, as cartas evidenciam o duplo e intenso trabalho de Serpa na divulgação da literatura brasileira em Portugal, e na promoção da literatura portuguesa no Brasil.
Palavras-chave: Alberto de Serpa. Jorge de Lima. Cartas inéditas. Poesia portuguesa. Poesia brasileira.

ABSTRACT: This article aims to present 17 letters written by Alberto de Serpa (1906-1992) to Jorge de Lima (1893-1953) between 1927 and 1948, and 9 letters sent by Jorge de Lima to Alberto de Serpa between 1934 and 1952. Reading these letters allows us to reconstruct aspects related to the lives of the two authors, their works, and the historical and cultural context of Brazil and Portugal between the 1930s and 1950s. In particular, the letters highlight Serpa's dual and intense work in disseminating Brazilian literature in Portugal and promoting Portuguese literature in Brazil.

Keywords: Alberto de Serpa. Jorge de Lima. Unpublished letters. Portuguese poetry. Brazilian poetry.

Introdução

No acervo de Jorge de Lima, há 17 cartas escritas por Alberto de Serpa para o escritor alagoano¹, todas redigidas à caneta (10 de agosto de 1927, 7 de janeiro de 1935, 12 de fevereiro de 1935, 3 de março de 1935, 10 de abril de 1935, 4 de maio de 1935, 9 de outubro de 1935, 10 de julho de 1936, 21 de janeiro de 1937, 10 de julho de 1937, 26 de julho de 1937, 1º de agosto de 1937, 12 de janeiro de 1938, 19 de abril de 1938, 26 de março de 1939, 28 de junho de 1948, além de uma carta sem data). Há também o manuscrito do poema "Sanatório", dedicado a Jorge de Lima. Em seguida, Serpa optou por dedicar o livro *Descrição* (no qual "Sanatório" foi inserido) a Jorge de Lima, e o poema "Sanatório" ao poeta angolano António Jacinto (em 1944, na reunião de sua obra, intitulada *Poesia*, Serpa retirou a dedicatória de "Sanatório"). As cartas de Jorge de Lima, cujos originais são em microfilme, encontram-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto. No acervo-museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa, há um dossiê,

¹ Localização: JL VP RS MIS 622.

intitulado “Avulsos”, de Alberto de Serpa, entre os quais estão conservadas fotocópias de 14 documentos redigidos por Jorge de Lima: 9 cartas (12 de dezembro de 1934, 1º de janeiro de 1935, 21 de janeiro de 1935, 7 de abril de 1935, 28 de abril de 1935, 26 de fevereiro de 1937, 22 de fevereiro de 1938, 21 de abril de 1939, 8 de novembro de 1952), 3 bilhetes (28 de junho de 1936, 9 de junho de 1937, 7 de junho de 1945) e 2 postais (28 de fevereiro de 1936, 24 de fevereiro de 1937). Em relação à transcrição das cartas, optou-se pela uniformização do uso do itálico para nomes de revistas, livros e obras de arte, e das aspas altas para o título de poemas. Um exemplo é a revista *Presença*, a qual – citada nas cartas entre aspas e com a primeira letra da palavra em minúsculo – foi transcrita em itálico. Foi atualizada aos novos acordos ortográficos, também, a grafia de diversas palavras, como no caso de “sahir” (por “sair”), “jornaes d’ahi” (“jornais daí”), “vaes” (“vai”), “aquelle” (“aquele”) “tam” (“tão”), “meza” (“mesa”), entre outras.

O conjunto de cartas selecionado foi analisado, no presente artigo, a partir de uma metodologia que leva em consideração três aspectos fundamentais, a partir da conceituação elaborada por Marcos Antonio de Moraes, segundo o qual – no artigo, intitulado “Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação” (2006) – a correspondência de escritores aponta para três perspectivas de exploração: a reconstrução da biografia do autor, a análise de sua poética (através da auscultação da gênese da obra) e a reconstrução da vida literária do período. No posfácio à edição de *A escrava que não é Isaura* (1925), de Mário de Andrade, Moraes (2010) demonstrou como, através da correspondência de Mário – com, entre outros, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Henriqueta Lisboa, no período entre 1922 e 1944 – foi possível reconstruir a história da obra (“intenções primeiras”, “propostas de reformulação textual”, “referência ao título”, “estratégias linguísticas na composição do ensaio”), a produção material do livro (“provas”, “negociação com editoras”, “custo da publicação”, “preço do livro”, “modos de distribuição nas livrarias”) e a recepção crítica da obra (“avaliação do próprio autor” e “julgamentos ventilados na imprensa”).

Júlio Castañon Guimarães refletiu sobre a relação da carta com a obra literária, a partir daquilo que Gérard Genette entende como paratexto: tudo aquilo que cerca um texto de modo a “torná-lo presente”. O paratexto se compõe “empiricamente de um conjunto heteróclito de práticas e de discursos de todos os tipos e de todas as épocas” (Genette, 1987, p. 7-9). A partir desta ideia da carta como paratexto, Castañon

problematiza a especificidade da relação entre carta e obra, chamando a atenção para o fato de que, em certos casos, esse diálogo entre as duas esferas não deve ser interpretado de forma tão direta, já que existem “níveis intermediários” (ou que fogem às classificações) nesta passagem da esfera privada para a pública:

Assim, se não é comum encontrar casos de relação propriamente textual entre carta e obra, são muitos os casos em que, por exemplo, a carta oferece dados sobre a obra. Se a maneira como Genette situa a carta em relação à obra possibilita uma abrangente leitura da correspondência de escritores, também não abarca todas as situações, deixando de fora, tanto aquela possibilidade remota em que a carta fizesse parte do prototexto quanto algumas outras formas de relação, como aquela em que o modelo da carta se presta para a elaboração de uma obra. Numa outra direção, se em sua classificação a carta é um epitexto confidencial, a passagem de um texto da esfera privada para a vida pública oferece uma série de situações que escapam às classificações ou que são intermediárias (Guimarães, 2010, p. 63).

A reflexão sobre as cartas de escritores permitiu a Júlio Castañon Guimarães colocar em destaque alguns elementos fundamentais da crítica textual, da crítica genética e de toda a pesquisa realizada em arquivos, tais como: a grande importância dos trabalhos coletivos; a permanente discussão a que a área de edição está sujeita; o impulso que a pesquisa de novos materiais proporciona às questões metodológicas; as associações entre formulações teóricas e a pesquisa de materiais, como no caso da crítica genética, que é indissociável da pesquisa de manuscritos em arquivos. Ao longo dos anos, ocorreram modificações sensíveis de noções, como, por exemplo, as de vontade autoral definitiva, de texto definitivo e de variante, bem como da significação dos atos de escrita (Guimarães, 1997, p. 12). Silviano Santiago, nesta mesma linha de raciocínio, ao comentar a troca epistolar entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, apontou para o duplo viés crítico possibilitado pelas cartas:

A leitura de cartas aos companheiros de letras e familiares, bem como de diários íntimos e entrevistas, tem pelo menos dois objetivos no campo duma nova teoria literária. Visa a enriquecer, pelo estabelecimento de jogos intertextuais, a compreensão da obra artística (poema, conto, romance...), ajudando a melhor decodificar certos temas que ali estão dramatizados, ou expostos de maneira relativamente hermética (como a questão da *felicidade*, em Mário de Andrade, ou a questão do nacionalismo, no primeiro Drummond). Visa a aprofundar o conhecimento que temos da história do modernismo, em particular do período consecutivo à Semana de Arte Moderna (por exemplo: a reviravolta nacionalista que representa a viagem dos paulistas a Minas Gerais, a expulsão das ideias de Graça Aranha do ideário modernista, as relações entre o intelectual e o Estado na década de 30) (Santiago, 2002, p. 10).

Nesse sentido, as cartas trocadas entre Jorge de Lima e Alberto de Serpa, se tornam fundamentais, não somente para a reconstrução crítica e historiográfica das obras, em geral, em todas as suas etapas – realização, edição, divulgação e recepção –, mas, num sentido mais amplo, para a compreensão da relação dos poetas modernistas brasileiros com os escritores portugueses contemporâneos, em sua amplitude de visões, percursos, formas, linguagens e perspectivas.

Conforme destacou Luís Adriano Carlos (1998, p. 9), Alberto de Serpa foi secretário de *Presença* (2ª série, Coimbra, 1939-1940) e da *Revista de Portugal* (Coimbra e Lisboa, 1937-40), tendo escrito o essencial da sua poesia num período dominado pelo presencismo e pelo neo-realismo, que marcara a literatura portuguesa no segundo quartel do século. Para Albano Nogueira (1982, p. 56), Serpa foi um “grande poeta duma grande geração de poetas, entre os quais sobressai pela originalidade contravencional do seu lirismo e pela genuinidade ímpar de toda a sua obra”. Arnaldo Saraiva colocou em destaque alguns elementos fundamentais da poética de Serpa:

Varanda já continha o que poderíamos chamar constantes na poesia de Alberto de Serpa: títulos breves, de livros como de poemas, geralmente de um só lexema; poemas breves, raramente ultrapassando uma página; léxico simples (“simples”, a primeira palavra do primeiro poema do livro) e comum, que com frequência remete sem asperezas para o mundo concreto, exterior, visual e para a esfera intimista e sentimental; enunciação descontraída, fluente, coloquial, decerto devedora das lições oralizantes de António Nobre – poeta que disse “tão meu, tão teu”, de que editou alguma correspondência e que lhe mereceu o livro *Vida, Poesia e Males de Anto*, de 1950 – e talvez do recém-descoberto Manuel Bandeira, por sinal também influenciado pelo autor de *Só*, que João Cabral apreciava; sem o valorizar tanto como valoriza Cesário Verde (Saraiva, 2025, p. 14).

Saraiva, também, indicou a atração de Serpa por “espaços solares, amplos e limpos”, e, a partir de *Descrição*, por ambientes “noturnos, crepusculares ou penumbristas, como os do igualmente recém-descoberto Ribeiro Couto”. Serpa apresenta, em sua obra, a “projeção de um sujeito humilde, fraternal, convivial, generoso, solidário com os que sofrem as dores comuns ou incomuns (como as da guerra), dado ao sonho mas igualmente à melancolia” (Saraiva, 2025, p. 14). Além da ironia e da autoironia, o crítico português apontou para a representação, na obra de Serpa, de paisagens citadinas, “de pequena cidade ou de cidade de província, e dos seus arrabaldes – e marítimas” (Idem).

O dossiê dos “Avulsos”, do arquivo-museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa, atesta a grande rede de relações epistolares, mantida por Alberto de Serpa, com

poetas e artistas brasileiros, como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Ribeiro Couto, Cícero Dias, Cecília Meireles, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto². Um tema recorrente, nas cartas, é o envio de livros e revistas, por parte de Serpa e de seus correspondentes brasileiros. A correspondência com Jorge de Lima evidencia o interesse enorme de Serpa pela poesia brasileira, em particular pela modernista, da qual manifesta um profundo conhecimento no prefácio de 1943, para a sua antologia *As melhores poesias brasileiras* (Lisboa, Portugal, 1943):

«Vamos achar o Brasil!» - eis o grito comum de todos os revolucionários do modernismo. Com a ajuda dalgumas mal aprendidas lições nas diferentes correntes europeias do movimento, começou a caminhada. A quebra dos laços que ligavam o poeta a uma língua longínqua, passada, e a curiosidade por uma até então quase inexplorada vida, realmente vivida ali ao lado, levaram a surpreendentes descobertas. Houve, não se pode negar, muito verde-amarelo, muita cor que os anos irão delindo, ou já apagaram, e de muitas tentativas nem ficará a lembrança das boas intenções. Mas já podemos ver que a poesia dessa época próxima alcançou riquezas. Mesmo na fase mais combativa, mais de escola, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Jorge de Lima escreveram poemas cuja pujança poética resistirá a todos os embates do que vier. E, se a estes nomes juntarmos os de Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, teremos uma frente de poesia pronta para qualquer confronto com as gerações anteriores (Serpa, 1943, p. 15-16).

O vínculo de Serpa com a literatura brasileira, conforme apontou Maria Aparecida Ribeiro, é particularmente evidente na relação mantida pelo poeta português com a obra de Manuel Bandeira:

Talvez Alberto de Serpa tenha sido o primeiro poeta português a estabelecer com Bandeira uma interlocução, no sentido que lhe empresta Antoine Compagnon, em seu *Trabalho da Citação*. Se, num dos primeiros livros de poesia publicados (e rejeitados) por Serpa — *Evohe* (1924) — é possível que se queira ver um eco do grito de Bandeira em “Bacanal”, poema constante de *Carnaval* (1919), nos versos de “Poesia”, que Alberto dedica a Fernando Pessoa, incluídos em *Descrição* (1935), reflete-se a “Poética” bandeiriana, publicada em *Libertinagem*. Preocupado em contrariar a regra, o comedimento, a imitação, a palavra precisa, culta, vernácula, a rima, a correção sintática, o respeito à métrica tradicional, o recifense quer o lirismo que é libertação, o lirismo dos bêbedos, o lirismo dos palhaços, onde todas as palavras e ideias possam entrar (Ribeiro, 2021, p. 306).

Cartas 1927-1952

² A correspondência entre Serpa e Cabral foi editada por Solange Fiuza e Arnaldo Saraiva, em 2025.

Na carta de 10 de agosto de 1927, Serpa escreveu de Plymouth, na Inglaterra, mencionando sua estadia recente no Brasil e o encontro pessoal com Jorge de Lima:

Caro Jorge, desculpa, de quando ao sair de Maceió me não despedi de ti, mas estava bastante incomodado, com os acontecimentos e não tinha cabeça para nada. Tenho lido às vezes nos jornais d'aí qualquer coisa a teu respeito, e sei que vais bem e de saúde, apesar d'aquele pequeno desastre na Barra de Sto. Antônio. Tenho aqui uns livros muito interessantes que te envio debaixo de capa especial que sei que apreciarás devidamente³.

Na continuação da carta, Serpa pede notícias a respeito das obras recentes de Jorge de Lima, além de apresentar notícias sobre sua vida particular, como o relacionamento com uma mulher chamada Jerusa, além de viagens à Inglaterra e Paris:

A respeito das tuas recentes obras, que notícias me dás? Dizem-me de aí que a Jerusa me está sendo escandalosamente infiel. É verdade? Estou agora a bordo e conto chegar hoje à Inglaterra aonde me demorarei algum tempo antes de voltar para Paris. Contava ir até aí ao Brasil agora, mas visto que o único interesse que aí me prendia, (era Jerusa), acabou; não irei aí tão cedo⁴.

A carta de 12 de dezembro de 1934, enviada por Jorge de Lima do Rio de Janeiro para Alberto de Serpa, atesta a intensa troca de livros entre os dois. O poeta português havia enviado a Jorge de Lima seu livro recém-publicado, *Varanda* (Porto, *Edições Presença*, 1935). O autor brasileiro promete lhe enviar seu penúltimo livro – *Poemas escolhidos* (Rio de Janeiro, Andersen, 1932) –, publicado antes da novela *O anjo* (Rio de Janeiro, *Cruzeiro do Sul*, 1934). Na carta, é possível perceber como Serpa representasse uma ponte na comunicação de Jorge de Lima com outros autores portugueses, como José Régio (1901-1969) e Adolfo Casais Monteiro (1908-1972):

Acabo de ler e reler seus poemas. São poemas de grande força e rara beleza. Destaco “Ambiente”, “Abandono” e “Revolta”. Ótimos. Grande poeta você, grande poeta dos maiores de Portugal. Envio-lhe meu penúltimo livro. Escreverei em breve carta longa. Por enquanto, meus agradecimentos. Um abraço para José Régio, Casais Monteiro e esses interessantíssimos daí⁵.

Em 1º de janeiro de 1935, Jorge de Lima escreve novamente a Alberto de Serpa analisando, no calor do momento, o livro *Vinte poemas da noite* (Porto, *Edições Presença*,

³ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 10 de agosto de 1927.

⁴ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 10 de agosto de 1927.

⁵ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 12 de dezembro de 1934.

1935), o qual representa “a mais pura e doce poesia”. O poeta alagoano, inclusive, indica que submeteu o livro à leitura de alguns amigos próximos:

Estou lhe desejando um feliz 1936 cheio de glória e de paz. Venho agradecer-lhe o seu último – bellissimo livro. Os seus poemas da noite são extraordinariamente melhores que os livros anteriores. Encerram a mais pura e mais doce poesia. Eu que tenho os seus retratos em meu gabinete e tenho os seus livros encadernados carinhosamente guardados em minhas estantes, mandei fazer uma encadernação muito cuidada para o seu último caderno de poesia. Já o li e reli, e alguns amigos de minha escolha o leram também deslumbrados. Você é realmente um grande poeta. Os novos de Portugal estão salvando o país e de verdade o livram da literatura cacete que afogava a nação das mais frequentadas pela poesia⁶.

Na continuação da carta, Jorge, além de pedir notícias sobre o que Alberto estava compondo naquele momento, manifesta interesse pelo ambiente literário português (José Régio, Adolfo Casais Monteiro, Osório de Oliveira) a respeito do qual solicita informações. A carta é importante porque fornece dados sobre a recepção da obra de Jorge de Lima em Portugal (como a nota de Serpa, a respeito de *Calunga*, publicada em *Presença*). O escritor alagoano faz referência a António Ferro (1895-1956)⁷, do qual Serpa enviará dois discursos através da carta de 3 de março de 1935; essa referência a uma figura central na política cultural do regime de Salazar é importante porque aponta para o clima de censura ao qual estavam submetidos os escritores do grupo de *Presença*,

⁶ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 1º de janeiro de 1935.

⁷ No artigo “Um intelectual orgânico no Estado Novo de Salazar: as ideias e os projetos de luso-brasilidade de António Ferro”, Carla Patrícia Silva Ribeiro apontou para a centralidade de Ferro na política cultural do regime salazariano: “Politicamente atraído por estas direitas nacionalistas e autoritárias que na década de 1920 despontavam no continente europeu, a sua filiação política junto dos setores do autoritarismo antiliberal apresentou-se como solução para a crise que se vivia no contexto nacional, procurando uma refundação da República e afirmando ‘a necessidade redentorista de um chefe salvador’ (Leal, 2003, p. 108). Ferro encontra esse chefe dinâmico no recém-nomeado presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, que deu a conhecer ao público através de uma série de cinco entrevistas realizadas em finais de 1932 e publicadas no *Diário de Notícias*. Terão sido estas entrevistas que o conduziram diretamente ao cargo assumido no ano seguinte, o de diretor do Secretariado da Propaganda Nacional, então com 38 anos. Na sua ação à frente deste organismo, que se constituiu como a gênese de um Ministério da Cultura, o diretor do Secretariado assumiu a tarefa da divulgação dos propósitos e realizações do regime estado-novista, dirigindo e superintendendo a propaganda nacional, interna e externa. Para a consecução deste grande objetivo, mobilizou todo o leque das atividades culturais – artes, imprensa, teatro, literatura, radiodifusão, cinema – através da sua famosa ‘Política do Espírito’” (Ribeiro, 2017, p. 50).

que chegou ao ápice com a prisão de Serpa por motivos políticos em maio do ano seguinte (1936):

Desejo conhecer outros novos daí. Mande-me revistas e jornais com artigos. Há tempo você me mandou umas coisas de António Ferro. Manda-me números atrasados de *Presença* e de outras boas publicações. Agora quero saber dos amigos, de José Régio, de Adolfo Casais Monteiro, de todos. Você não avalia quanto desejo conhecer pessoalmente essa gente moça de Portugal. Tinha uma viagem engatilhada à Alemanha. Passaria alguns dias com vocês. Entretanto motivos inesperados já não me consentem sair de minha terra antes de outubro deste ano. Afinal sempre é uma esperança de ver os meus queridos amigos. Aguardamos os novos livros de Osório de Oliveira. Tenho recebido correspondência dele. Também desse caríssimo Casais Monteiro que me disse ter sido você o autor generoso da nota sobre *Calunga* – publicada em *Presença*. Muito lhe agradeço tanta gentileza. Possuo em você um dos mais raros amigos. Considero-me feliz por isso⁸.

Serpa respondeu ao poeta brasileiro com a carta de 7 de janeiro de 1935, enviada do Porto, da Rua Fernandes Tomás 436:

A Sua amiga carta trouxe-me sérias complicações sem assinatura e sem indicação de remetente. Com rara felicidade, o Adolfo Casais Monteiro identificou-a, porém, e aqui estou a agradecer as suas gentilíssimas palavras sobre a *Varanda* e a promessa do envio do Seu penúltimo livro. Ansiosamente espero que este chegue e ardentemente desejo que o seu título seja *Poemas escolhidos*, tanto do meu agrado e da minha convivência⁹.

Na continuação da carta, o poeta menciona o envio de *Descrição* (Porto, *Edições Presença*, 1935), e a existência de uma rede ampla de relações entre escritores brasileiros e portugueses (na qual estavam envolvidos, sobretudo, além de Serpa, Adolfo Casais de Monteiro e José Régio):

Em fins do próximo mês, deverei mandar-lhe a *Descrição* – livro com mais notícias minhas. Impossível é mandar-lhe os meus outros volumes, pois nem um exemplar possuo na minha biblioteca. Fiz entrega de seus abraços ao Adolfo e ao Zé Régio. Retribuem e queixam-se da falta de largas notícias suas¹⁰.

Em seguida, Serpa informa o escritor alagoano sobre seus novos projetos: “Vendo-me livre dos trabalhos do meu próximo livro, entregar-me hei a uma *Carta de guia de viagem*: uma carta para você, mostrando Portugal e procurando colocar no seu espírito o desejo de vir conhecer-nos. Farei uma linda edição, de que lhe mandarei alguns

⁸ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 1º de janeiro de 1935.

⁹ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 7 de janeiro de 1935.

¹⁰ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 7 de janeiro de 1935.

exemplares” (Serpa, 1935). Na carta de janeiro de 1935, o escritor português pede, também, para Jorge enviar-lhe notícias a respeito da poesia brasileira contemporânea: “E terá você, meu Amigo, possibilidade de enviar-me paragens de alguns novos poetas do Brasil, a quem possam interessar os meus livros? Infelizmente, em Portugal, o interesse por estas coisas¹¹ é nulo. Felizes, vós, que tendes largas compensações de estima e compreensão!” (Serpa, 1935). Jorge respondeu a esta carta em 21 de janeiro de 1935, dando informações sobre o envio de suas obras para Portugal, além de descrever os últimos textos que estava elaborando:

Agora é que vejo que a minha carta foi para você sem assinatura. Provavelmente o meu empregado vendo-a no meu escritório achou que a devia levar imediatamente ao correio, sem minha assinatura. O nosso querido perito Adolfo Casais Monteiro salvou a situação. É possível que a essas horas você já tenha recebido o meu *Anjo*; envie esse livro para você por intermédio de Joracy Camargo¹². Ele o entregará a você pessoalmente mesmo porque deseja conhecer o grande poeta que você é. Sabendo pela sua carta que também deseja *Poemas escolhidos*, vou mandar-lhos hoje mesmo pelo correio¹³.

Na continuação da carta, Jorge de Lima, além de solicitar o envio de novos livros por parte de Serpa, se refere a duas obras que estava prestes a publicar: o romance *Calunga*, e *Tempo e eternidade* (Porto Alegre, *Livraria do Globo*, 1935), escrito em parceria com Murilo Mendes, o qual é considerado, por ele, como um dos maiores poeta do Brasil. Jorge delinea o conceito de poesia eterna, proposto por ele e Murilo:

Espero os livros prometidos. Em breve sairão minhas novas publicações: *Calunga* – romance, *Tempo e eternidade* – poemas (este livro conjuntamente com Murilo Mendes). Murilo Mendes é dos maiores poetas novos do Brasil. O endereço dele pode ser o meu. Vamos ambos publicar um livro de nova orientação poética mais vasta, com absoluta abstração de tempo e espaço, com a reintegração da poesia no eterno, no seu mais alto plano, dentro da sua finalidade mais alta¹⁴.

Na conclusão da carta, o poeta alagoano apresenta uma lista de nomes de obras, de novos escritores brasileiros, entre poetas, romancistas e ensaístas, que indica para a publicação em Portugal: Álvaro Moreyra, J. Mariz de Moraes, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, José Geraldo

¹¹ Palavras sublinhadas pelo autor.

¹² Escritor brasileiro (1898-1973), membro da Academia Brasileira de Letras.

¹³ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 21 de janeiro de 1935.

¹⁴ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 21 de janeiro de 1935.

Vieira, Tristão de Ataíde, Dante Milano, Jorge Amado, Renato Almeida e Ronald de Carvalho. Na carta de 12 de fevereiro de 1935, Serpa escreveu:

Estimei muito, muito, muito, a sua carta – tanto que não poderei esperar mais tempo numa resposta a ela. Aí vai, com muitos abraços, Atlântico fora... Agradeço-lhe a prometida remessa dos *Poemas escolhidos*. Ainda não chegaram, mas aguardo a todos os instantes a satisfação de ter comigo esse belo livro, que os meus olhos e a minha alma só têm lido de fugida... muito obrigado!¹⁵.

Em seguida, o poeta português menciona a viagem a Portugal do escritor Joracy Camargo: “Joracy Camargo está em Lisboa. Vindo com credenciais de Você, aqui será recebido com entusiasmo e amizade para amigos velhos. A filial da *Presença* no Porto (o Adolfo e eu) organizará festa íntima em louvor do Irmão de Além-mar. Pena é que você não venha, Jorge!” (Serpa, 1935). A continuação da carta traz informações sobre a troca de livros entre os dois poetas; Serpa encaminha um exemplar de *Varanda* para Murilo Mendes:

Desde já, agradeço o seu *Anjo*. O Adolfo publicou na *Presença* uma linda nota sobre esse livro. Tem? Felicito o Seu trabalho! Venha *Calunga*, venha *Tempo e eternidade!* Para Murilo Mendes, vai já uma *Varanda*. Para os seus outros camaradas, irei mandando lentamente, ao Seu cuidado. Tenha Você a paciência de fazer as apresentações...¹⁶.

Em seguida, Serpa informa Jorge sobre a conclusão de seu novo livro, *Descrição*, e solicita o envio de obras de autores brasileiros, ao reclamar da introdução, em Portugal, de livros brasileiros de baixa qualidade estética, com a exceção de alguns bons autores como Tristão de Ataíde, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, além de Jorge de Lima:

Terminei a *Descrição*, que lhe mandarei em outubro. É um livro sem a poesia de *Varanda*, mas com uma igualdade e uma independência que me agradam. Aí lhe envio o poema que é para Você... [...] Você vai fazer uma coisa, Jorge! Vai falar com o Seu editor e obrigá-lo a mandar para cá os Seus livros. Portugal está sofrendo a invasão dos livros brasileiros. Mas, que livros? Más traduções de livros para meninas, obras poéticas inferiores, romances que são fotografias de atos sexuais... De bom, Tristão de Ataíde e Ribeiro Couto. Ora, Você, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira – os 3, pelo menos – têm aqui procura. Se o Seu editor não tem aqui relações, com muito prazer eu estudaria o assunto com bom livreiro. Seria tão interessante dar a conhecer ao português que de bom e novo há no Brasil!... Que me diz? Fale no caso a Ronald e Bandeira, também!¹⁷.

¹⁵ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 12 de fevereiro de 1935.

¹⁶ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 12 de fevereiro de 1935.

¹⁷ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 12 de fevereiro de 1935.

Na continuação da carta, Serpa propôs a Jorge que escrevessem um livro juntos (fato que não chegou a se concretizar), o qual, com o título de *Mapa*, reunisse cartas do poeta português a respeito de Portugal, e cartas de Jorge de Lima apresentando o Brasil:

Logo que possa, mandar-lhe hei *Mapa*, uma carta a Jorge de Lima, mostrando Portugal. Jorge de Lima lerá e, se achar a ideia e a carta boas, escreverá a Alberto de Serpa uma carta mostrando o Brasil. Dessas cartas, poderá fazer-se um pequeno livro. Agrada-lhe a ideia? Entreguei o Seu abraço ao Adolfo e mandei, hoje, o outro ao Zé Régio¹⁸.

Em 3 de março de 1935, o poeta português escreveu acusando o recebimento da novela *O anjo*, que chegou às suas mãos através da mediação de Osório de Oliveira. O livro é considerado uma grande obra, e definido como o primeiro romance “novo” da literatura brasileira. Serpa, ao apontar a carta do Anjo para o Rio como uma das páginas mais belas da “literatura de todos os tempos”, destaca o mérito do poeta brasileiro em ter conseguido realizar a representação de um Brasil desconhecido aos estrangeiros ao mesmo tempo em que construiu uma obra de caráter universal:

Tive ontem notícias Suas – chegou cá o *Anjo*, sem o Joracy, mas chegou o *Anjo*. Mandou-mo o Osório de Oliveira – um Anjo de camarada que, natural e obsequiosamente, vendo a demora do Joracy em Lisboa se apressou em mandar-me o Seu livro. E que grande livro! É o primeiro romance novo, que conheço, da literatura do Brasil. O Jorge consegue, nessas breves páginas – mas que profundas! – dar um mundo em terra e alma, com uma liberdade de processos tão simples que nem existem. O Herói é você, somos todos nós! No *Anjo*, há o Brasil – tão novo para os de fora! – e poemas universais, como essa sublime despedida da Mamãe – que me fez chorar. A carta do Anjo para o Rio é das mais belas e vivas páginas da literatura de todos os tempos¹⁹.

Na continuação da carta, Serpa menciona o envio de jornais nos quais foram publicados dois (já citados) discursos de António Ferro, além de apontar para aspectos do ambiente literário português da época e para casos de censura envolvendo os escritores da revista *Presença* e, especificamente, algumas obras como, por exemplo, o romance *Jogo da cabra cega* (1934), de José Régio. Afirma que ainda não recebeu *Poemas*, e promete o envio de *Descrição*:

Mando-lhe dois jornais, onde você lerá dois discursos do António Ferro e sentirá o ambiente literário português... Uma literatura de vivório a Portugal e de bem-dizer – eis o que nos pedem. E o que exigem – o que é pior! O jogo é direito contra a *Presença*: de todos os lados surgem ataques, a censura não nos

¹⁸ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 12 de fevereiro de 1935.

¹⁹ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 3 de março de 1935.

dá o direito de resposta e chegaram ao desaforo de apreender o *Jogo da cabra cega* de José Régio. Ah! Se eles lessem o *Anjo*!!! E se soubessem ver como um país pode projetar-se internacionalmente por processo tão simples e grande! Não recebi, ainda, os prometidos *Poemas*. Extraviaram-se? Naturalmente, ainda antes do verão lhe mandarei a minha *Descrição*. Está concluída e talvez me disponha a editá-la dum momento para o outro. Logo que a minha vida esteja mais tranquila – a doença tem andado sempre à volta de meus filhos – escrever-lhe hei a prometida carta sobre o meu país e suas gentes²⁰.

Na carta de 7 de abril de 1935, Jorge de Lima escreveu agradecendo a dedicatória de *Descrição* (“A Jorge de Lima, grande poeta do Brasil”) e o envio de fotografias de Serpa, que o poeta brasileiro colocou ao lado de “retratos” de Mário de Andrade e Manuel Bandeira:

Acabo de receber neste momento seu livro de poemas dedicado a mim. Abri-o aqui e acolá. A página 12 contém um poema extraordinário de simplicidade e de grande doçura: música. Fora desse poema não existe mesmo “mais simples, nem mais bela música”. Hoje à noite terei o que ler... Foi um presente ótimo que você me mandou dessa sua bela terra já se renovando com tão fortes poetas. Há dias sua gentileza me havia obrigado com o envio dos dois retratos seus e jornais daí. Os retratos já estão sobre a minha mesa, ao lado de Bandeira e Mário de Andrade²¹.

Em seguida, Jorge manifestou sua alegria ao ler o livro de Serpa, *Descrição*, além de mencionar a viagem já “engatilhada” para a Alemanha (que nunca ocorreu), e se referir a *Tempo e eternidade*, a respeito do qual fornece informações a respeito da publicação e da recepção:

Não recebi ainda de Porto Alegre o meu caderno de poemas *Tempo e eternidade*. Devo recebê-lo nesses dias: então enviarei imediatamente o seu volume. [...] Desconfio que o novo livro de poemas *Tempo e eternidade* irá provocar celeuma. Chocará de certo. Mas o poeta nasceu para desgostar o tempo. O poeta é bem diferente do resto. O poeta não liga os bobos do mundo, fica só, olhando quanto ele está acima da planície²².

Em 10 de abril de 1935, Serpa escreveu para Jorge de Lima acusando o recebimento de 3 obras (*Poemas escolhidos*, *O anjo* e *Esse Jorge de Lima*) enviadas pelo poeta alagoano e solicitando o envio de outros livros de poesia de Jorge de Lima para que ele pudesse desenvolver um trabalho de crítica:

Recebi, ontem, os *Poemas escolhidos*, *O anjo* e *Esse Jorge de Lima* – este, infelizmente, em livro. Muito obrigado! Tenho dois pedidos para fazer-lhe: 1º - Raras vezes tenho vontade de criticar escritores. Estou, porém, com vontade de

²⁰ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 3 de março de 1935.

²¹ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 5 de abril de 1935.

²² Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 21 de janeiro de 1935.

escrever qualquer coisa sobre os Seus versos e as suas prosas. E queria que Você, se pudesse, me enviasse os mais seus volumes – os que tenha a mais. Poderá ser? 2º – Desejava outros *Poemas escolhidos*. Os que aqui tenho, chegados ontem, estão condenados a passar por muitas mãos e queria uns para mim – só para mim. Serei atendido?²³.

Na continuação da carta, Serpa solicita a publicação em Portugal de um texto de Jorge de Lima: “O Adolfo entregou-me hoje a sua prosa em louvor da Poesia. Não toma você a mal que faça publicá-la, aqui, com umas breves palavras minhas? Tem, aqui, uma oportunidade formidável... e muito bela” (Serpa, 1935). Serpa pergunta se Jorge sabe lhe dar notícias a respeito de Jayme Cardoso, além de mencionar a redação de novos livros: “Trabalho num romance feito das pequenas coisas da vida, *O mundo*, num livro de poemas, *A árvore do bem e do mal*. Quando faremos o nosso?” (Serpa, 1935). Jorge responde em 28 de abril:

Acabo de receber a sua carta de 10 de abril. Os livros e o retrato não os tenho ainda às mãos pois o correio entrega os registrados um ou dois dias depois da correspondência simples. O seu último livro agradou-me bastante e já lhe escrevi dando as minhas impressões. Também escrevendo a intelectuais daí contei o meu entusiasmo por você. Acho o seu *Varanda* livro mais forte que *Descrição*. Alguns amigos de muito bom gosto, porém, reputam este melhor do que aquele. Vou tomar as informações sobre Jayme Cardoso. Muito grato pela crítica que me promete. A transcrição de “Destino da poesia” me penhora²⁴.

Na continuação da carta, Jorge informou Alberto sobre Murilo Mendes, o qual lhe havia perguntado se o poeta português havia recebido a sua carta agradecendo *Varanda*. Jorge manifesta, também, o desejo de enviar a Alberto em breve o seu *Tempo e eternidade*, e de ir à Alemanha para “fazer algumas conferências em Colônia e Leipzig”, viagens que, no entanto, o poeta se declarava impossibilitado, até então, de realizar por obrigações profissionais. Em 4 de maio de 1935, Alberto, após acusar o recebimento da carta com a qual Jorge anunciava a recepção do livro *Descrição*, afirma: “Tenho grande admiração por você, Andrade, Bandeira e Ribeiro Couto e é um crime não se saber, aqui, o que são os bons poetas do Brasil...” (Serpa, 1935). Em 9 de outubro de 1935, Serpa escreve acusando o recebimento de um recorte de jornal a ser encaminhado a Adolfo Casais Monteiro, e informando de Jorge a respeito da publicação na revista *Presença* de um texto de Serpa a respeito do romance *Calunga*, recém-publicado. O escritor português solicita outro exemplar de *Tempo e eternidade*:

²³ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 10 de abril de 1935.

²⁴ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 28 de abril de 1935.

Sem notícias suas – há que tempos?! – recebi hoje um recorte de jornal para entregar ao Adolfo. Ficou já nas mãos dele. Por estes dias mais chegados, mandar-lhe hei umas palavras a respeito do admirável *Calunga*. Saem na *Presença*, que está a imprimir. Você desculpará a brevidade delas, mas escrevi-as na cama, atormentado por um padecimento terrível que me fez passar 3 semanas em posição horizontal. Não quis demorar mais as prometidas impressões e, por isso, assim mesmo vão. Perdoe! Para próximo livro, direi mais largas coisas... Tenho um favor a pedir-lhe! O Leonardo Coimbra leu, por meu empréstimo, os seus versos e ficou doido com *Tempo e eternidade*. É um homem de poucos entusiasmos – o melhor que cá temos em pensamento – e seria uma felicidade para ele ter esse livro, Será você capaz de mandar-lhe um exemplar? Já hoje lerei o *Anjo* e *Calunga*²⁵.

Jorge enviou um bilhete em 28 de fevereiro de 1936, informando Serpa sobre um início de neurastenia, motivo pelo qual havia se dirigido a Cambuquira, estação de águas e de repouso em Minas Gerais. Em 28 de junho de 1936, Jorge se refere ao último livro publicado por Serpa (*Vinte poemas da noite*), definido como o melhor: “De seu último livro sei de cor alguns poemas: ‘mas há vozes na noite, à minha volta... / Que sentido ignorado as escuta?’”. Em 10 de julho de 1936, Serpa escreveu solicitando o envio de outras obras de Jorge e mencionado o número da revista *Presença* em homenagem a Fernando Pessoa. A carta é um bom exemplo de como Serpa estava em diálogo com diversos poetas brasileiros, como, por exemplo, Tarso da Silveira, ao qual o poeta português havia submetido os poemas que iriam ser incluídos em *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, que tinha o título provisório de *Os instantes anônimos*:

Mande, há pouco, uma nota do Guilherme de Castilho (jovem que a *Presença* trouxe para a crítica) sobre o *Tempo e eternidade*. Chegou aí? Ele escreverá largamente sobre os Seus livros, que lhe tenho emprestado muitas vezes. E você ficará contente da perspicácia e da visão desse moço. É preciso que esses rapazes daí mandem livros para cá... Os editores são... editores e não temos o vosso melhor. Venham poemas, ensaios e romances – Seu Jorge! E nunca me manda Você os Seus livros antigos? Esquecido Amigo! Diga o que interessa, de cá! Vou mandar o número da *Presença*, in memoriam do Fernando Pessoa. Em outubro, mandarei *Os instantes anônimos*, poemas batizados pelo Tasso da Silveira²⁶.

Em 21 de janeiro de 1937, Serpa escreveu informando Jorge sobre a sua prisão, promovida pela ditadura de Salazar, por motivos políticos durante o período de 54 dias:

Por um rápido abraço mandado numa carta do Adolfo, deve Você ter tido conhecimento da paragem da minha vida – estive 54 dias preso à ordem da

²⁵ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 9 de outubro de 1935.

²⁶ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 10 de julho de 1936.

Polícia de defesa do estado, sob a acusação de fazer parte duma célula comunista... Eu, que sou para aqui um pobre Poeta espontâneo e triste, sem qualquer ação política, num sarilho destes, com 18 dias de incomunicabilidade! Para os meus nervos, isto foi pior que uma doença! Caí, caí, caí – ainda não sei a que funduras... A minha vida esteve parada, e só agora começo a vir à tona – numa superfície ainda muito inquieta²⁷.

Na continuação da carta, Serpa escreveu relatando o recebimento de *Mar morto*, de Jorge Amado, e solicitando o envio de obras de outros escritores brasileiros para a promoção do intercâmbio intelectual entre portugueses e brasileiros:

Recebi um belo romance do Jorge Amado, o *Mar morto* de que vou falar na *Presença* [...] Diga a estes homens daí que nos mandem obras! Precisamos dum intercâmbio de conhecimento de almas. [...] Com minha prisão, paralisei todo o trabalho. Estou escrevendo, com certo entusiasmo, uns vagos *Instantes anônimos* que, por todo este ano, mandarei. [...] E quando vêm seus poemas para a *Presença*?²⁸.

Há, no dossiê, uma carta sem data, na qual Serpa agradece mais uma vez os *Poemas negros* e se refere aos 54 dias em que esteve preso em maio de 1936. Serpa, além de solicitar poemas inéditos para publicar em *Presença*, informa Jorge sobre seu novo livro, cujo título ainda não estava fixado, já que o poeta oscilava entre *Almanaque de lembranças* e *Instantes anônimos*; o título final será *Almanaque de lembranças luso-brasileiro* (Lisboa, *Editorial Inquérito*, 1952): “É preciso, Seu Jorge, conseguir um intercâmbio vivo e atual. A *Presença* poderia dar um grande passo em frente, mas tem estado parada, com graves dificuldades financeiras. Vai recomençar agora. Publicarei uma nota sobre o grande *Mar Morto* do Amado. Dia aos jovens daí que nos mandem os livros!” (Serpa, s.d.).

Em 26 de fevereiro de 1937, Jorge escreveu de Cambuquira: “Já sabia por intermédio do caro Adolfo Casais Monteiro, de todas essas perseguições que irmãos intelectuais estão sofrendo injustamente aí”. A continuação da carta é importante porque Jorge apresenta um quadro de seu posicionamento como intelectual católico e de sua visão ideológica²⁹. O poeta se sente atacado por intelectuais de direita e de esquerda,

²⁷ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 21 de janeiro de 1937.

²⁸ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 21 de janeiro de 1937.

²⁹ Em diversos artigos dos anos 1940, publicados em *A manhã* do Rio de Janeiro, Jorge de Lima refletiu sobre a relação entre catolicismo, comunismo e cultura como é evidente, por exemplo, em alguns trechos do artigo “Roteiro de revolução”: “Vai ser preciso reagir contra os vícios hereditários da classe burguesa capitalista; não podemos mais aceitar o seu domínio social, o contágio de sua conduta, as normas individualistas comumente admitidas. É preciso resistir, denunciar, recusar; nossa cultura não será mais recebida, construída, regulada simplesmente por agnósticos mascarados de salvadores, por onzenários com bandeiras de cruzadas” (Lima, 1942, p. 4).

chegando até mesmo a apontar para como a posição de artista livre pode desencadear formas de perseguição (“Nós todos, de pensamento novo, nós todos que não pretendemos empregos e favores no governo, temos que não nos surpreender com prisões, incomunicabilidades”):

Eu sou católico de posição definida, e no entretanto pela minha projeção por meio do livro, do artigo, de minhas letras enfim que não vão absolutamente com certa estreiteza e burrice de inúmeros elementos da direita, escapei de ser preso também. Quanto a ataques, em grandes periódicos, como o *Correio da Manhã* e outros que em artigos frequentes me têm chamado de comunista e me denunciado ao governo como literato pernicioso no seio da “Comissão de literatura infantil”, já me acostumei. De outra parte, sou considerado reacionário por numerosos amigos de esquerda. O artista nada poderá esperar senão perseguições, injustiças de todos esses tiranos da esquerda e da direita. Nós todos, de pensamento novo, nós todos que não pretendemos empregos e favores no governo, temos que não nos surpreender com prisões, incomunicabilidades, etc. É aguentar os nervos para as depressões de espírito tão comuns depois dessas burradas dos prepotentes, não nos empanar a nossa autêntica superioridade mental – única força que sobreviverá ao tempo, à moda, aos políticos, aos tiranos³⁰.

O bilhete de Jorge de 29 de junho de 1937 atesta o envio, por parte do poeta alagoano, de *História e crítica da poesia brasileira*, de Edison Lins. Na carta de 10 de julho de 1937, Serpa informou Jorge sobre a direção da *Revista de Portugal*, a cargo escritor Vitorino Nemésio (1901-1978):

Ficou resolvida, ontem, a publicação da *Revista de Portugal* onde juntaremos todos os que pensam e escrevem honestamente. Será dirigida pelo Vitorino Nemésio, secretariada por mim e colaborada pela *Presença* e por outros setores valiosos. Foi resolvido pedir ao Poeta Jorge de Lima um abraço. E estou aqui a estender os braços ao Brasil e a pedir a Você que, na *Revista de Portugal*, com um, dois, ou três poemas Seus inéditos, nos dê um pedaço da Sua Arte e da Sua Terra. O 1º número sairá em Outubro, mas estamos já com originais na tipografia, e agradecemos-lhe muito que, se fosse possível, nos enviasse, por esta via, a Sua colaboração. Devo dizer-lhe que, no 1º número, será o Jorge o embaixador do Brasil, sem mais companhia³¹.

Na carta de 26 de julho de 1937, Serpa, além de agradecer o envio dos poemas de Jorge de Lima para a *Revista de Portugal*, traz novas informações sobre a *Revista de Portugal*, inclusive sobre os nomes dos colaboradores, entre os quais estão Jorge de Lima e o italiano Aldo Capasso, além dos portugueses Sá-Carneiro, Afonso Duarte, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, José Régio, Gaspar Simões, Carlos Queiroz,

³⁰ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 26 de janeiro de 1937.

³¹ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 10 de julho de 1937.

Sant'Anna Dionísio, Freitas Branco entre outros. Serpa mantinha a esperança de que a revista, com suas 120 páginas, fosse publicada, também, no Brasil:

Muito obrigado, pela Sua saudação, pelo livro do Lins e pelos maravilhosos poemas que mandaste para a *Revista de Portugal*! Não me enganou o coração, quando pensei que aceitaras o nosso convite para representação do Brasil no nosso 1º número. Um grande abraço grato! Estou ocupadíssimo com a Revista. O 1º número será feito por Sá-Carneiro, Afonso Duarte, Aquilino, Torga, Casais, Régio, Gaspar Simões, Carlos Queiroz, Sant'Anna Dionísio, Freitas Branco e outros. Do estrangeiro, tu e Carpasso (daremos, cada número, um brasileiro e um estrangeiro). Dos mortos, algumas cartas fortes do Herculano. Muita crítica, muitas notas – muita vida: 120 páginas trimestrais. Um grande favor! Não poderias pôr-nos em contato com um livreiro do Rio a quem interesse lançar aí a *Revista*? Poderíamos ceder para aí, com grande vantagem, esta e a *Presença*. Será possível? Porque não tentarmos esta aproximação?³².

Na continuação da carta, Serpa pergunta sobre o desenvolvimento da poesia de Jorge, além de informar sobre o fato de que Guilherme de Castilho iria fazer uma nota para a *Revista de Portugal* sobre *Tempo e eternidade*: “E Sua poesia? Espero esse *Anchieta* prometido e quero para muito breve poesia boa, muita Poesia à... Jorge de Lima. Venha! Para o outono, mandarei meus *Instantes anônimos*, que para aqui tenho, e de que vai amostra nessa *Presença*” (Serpa, 1937). Em 1º de agosto de 1937, Alberto de Serpa escreveu trazendo novas informações sobre o segundo número de *Revista de Portugal*, o qual trazia análises feitas por autores portugueses da obra de escritores brasileiros, como o texto do próprio Serpa sobre as crônicas de Manuel Bandeira, além de textos de Guilherme de Castilho (1912-1987) sobre *Tempo e eternidade* e sobre *Mar morto* (de Jorge Amado), e de Nemésio Vitorino sobre *Pureza*, de José Lins do Rego:

Castilho falará de *Tempo e eternidade*, Nemésio de *Pureza* (se vier a tempo), Casais de não me ocorre quem, Castilho ainda de *Mar Morto*, eu das *Crônicas* do Bandeira. [...] Os seus poemas foram aqui lidos e aplaudidos pela canalhada. Recebeste *Presença*? E livreiro daí que queira lançar a *Revista de Portugal* e a *Presença*? Que nomes me indicas, de irmãos daí, para o nº 2?³³.

Na carta de 12 de janeiro de 1938, Serpa escreve solicitando novamente a ajuda de Jorge de Lima para lançar a *Revista de Portugal* no Brasil, através de algum representante local. Indica que escreveu a José Olímpio sem obter resposta e pede indicações de nomes para compor o novo número que deveria contar com contribuições de Manuel Bandeira e de Mário de Andrade:

³² Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 26 de julho de 1937.

³³ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 1º de agosto de 1937.

Tenho esperado notícias suas, de resposta à carta que acompanhou a *Revista*. Até agora, porém, nada... Por quê? Doença? Preguiça? Saberei em breve – espero... Um assunto urgente: preciso de lançar a *Revista* no Brasil, e não sei a quem dirigir-me. Não saberá Você de livreiro a quem interesse o negócio? E fará o favor de pôr-me em comunicação com ele? A *Revista* foi aqui bem aceite, e tem a vida assegurada, mas eu gostaria de melhorá-la e não posso fazer tal sem o Brasil. Dá você, Amigo, um empurrão nisto? Escrevi à Livraria José Olympio, mas não tive resposta... Neste número a sair agora, vem, daí, Ribeiro Couto. Amado ainda não respondeu ao convite. Depois de Bandeira e Mário de Andrade, quem devo convidar? [...] A que publicações daí devo mandar a *Revista*? E a que editores? Gostaria de dar muita crítica ao bom livro brasileiro, e nada recebo aqui³⁴.

Jorge de Lima respondeu a esta carta, em 22 de fevereiro de 1938, indicando Sérgio Cruls Macedo Soares como pessoa idônea a editar a *Revista de Portugal* no Brasil, após a desistência da editora José Olympio:

A tua última carta, chegou-me há poucos dias. Nela me perguntavas a quem encarregar dos negócios da *Revista de Portugal*. É coisa difícil. As livrarias são o que viste, pela resposta do José Olympio. Sobre isto consultei, porém, o poeta Sérgio Cruls Macedo Soares. Sérgio aceita a incumbência da colocação da revista. Pelo nome, vês que ele é parente próximo do Macedo Soares e do Gastão Cruls. É pessoa idônea, inteligente, muito trabalhadora. Creio que a revista, se não arranhou ainda seu representante, Sérgio estará talhado para esta incumbência. Envio-te alguns poemas deste poeta que terás a bondade de publicar na revista³⁵ (LIMA, 1938).

Na continuação da carta, Jorge escreveu: “Estou com um novo livro de poemas já pronto. É possível que neste próximo mês de abril, entregue ao editor. Podes avaliar que mais uma vez a poesia mudou a face. Amanhã ou depois escreverei aos prezados amigos Régio e Adolfo Casais Monteiro” (Lima, 1938). Em 19 de abril, Serpa informa Jorge a respeito das dificuldades vivenciadas por ele na direção da *Revista de Portugal*:

Felizmente a revista está lançada, embora com os sacrifícios e os cuidados que calcularás. Trouxe-me os meus primeiros cabelos brancos, cabelos que nem a minha vida triste me dera... Nada posso ainda resolver da representação no Brasil. Estamos estudando um largo plano de colaboração, plano que só será definitivamente traçado quando o Nemésio venha de Bruxelas, lá para agosto. Sabemos o interesse que a *Revista* mereceu aos intelectuais daí e temos que corresponder a esse interesse, dando-lhes uma larga representação. Obrigado pela indicação de Sérgio Soares!³⁶ (SERPA, 1938).

³⁴ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 12 de janeiro de 1938.

³⁵ Carta de Jorge de Lima para Alberto de Serpa de 22 de fevereiro de 1938.

³⁶ Carta de Alberto de Serpa para Jorge de Lima de 12 de janeiro de 1938.

Na continuação da carta, Jorge se refere ao 3º número da revista: “O nº 3, que está a sair, traz belos poemas de Cecília Meireles e a primeira parte dum longo ensaio de Adolfo sobre Manuel Bandeira (contribuição portuguesa para a homenagem ao nosso querido Amigo)” (Lima, 1938). Em 28 de junho de 1938, Serpa escreveu: “O tempo tem sido pouco, e ainda não agradei os belíssimos *Poemas negros*. Mas fiz uma nota para o *Brasil cultural* que o Renato de Mendonça lhe mandou e deve ter lido. Espero mais Poesia da boa... E espero que você apareça por aqui um dia, em carne e osso, para uma confraternização à beira do Atlântico” (Serpa, 1938). Na carta de 26 de março de 1939, Serpa escreve acusando o recebimento de *A Túnica Inconsútil* (Rio de Janeiro, Guanabara, 1938) e os poemas de Murilo Mendes, ambos considerados por ele “as mais belas coisas que daí me vieram nos últimos tempos” (Serpa, 1939). Serpa, além de manifestar o interesse em ler *Anchieta* de Jorge de Lima, informa o poeta alagoano sobre a sua saída (e as de Adolfo, Régio e Simões) da *Revista de Portugal*: “Vamos fazer, agora, da *Presença*, uma revista crescidinha. Não me mandas uns inéditos para ela?” (Serpa, 1939). O poeta português também escreveu a respeito de um ensaio que Manuel Anselmo estava escrevendo sobre a poesia de Jorge de Lima: “Por cá todos te admiram e te querem bem” (Serpa, 1939).

Na carta de 21 de abril de 1939, Jorge, além de enviar suas recomendações a diversos escritores portugueses (Simões, Régio, Anselmo, Casais e “aos demais amigos”), se refere ao envio de *A Túnica Inconsútil* e da edição espanhola de uma antologia de seus poemas, com o prefácio de Georges Bernanos. Alguns anos depois, em 7 de junho de 1945, Jorge de Lima agradece, em outra missiva, os “belos livros” que Alberto de Serpa vinha lhe enviando. Em 28 de junho de 1948, é a vez de Serpa agradecer o envio dos “belíssimos *Poemas negros* [livro publicado em 1947]”, sobre os quais escreveu uma nota para o *Brasil cultural*. A carta de 11 de novembro de 1952, a última do dossiê, por fim, indica não somente o interesse que Jorge de Lima possuía (e que manifestou em outras missivas desde os anos 1930), de conhecer a Europa, mas, também, o grande apreço que o poeta alagoano tinha pela obra de Serpa, a ponto de afirmar: “Conservo *Os poemas da noite* com carinho de relíquia” (Lima, 1952).

Considerações finais

A relação epistolar de pelo menos 25 anos e a dedicatória de *Descrição* de Serpa a Jorge de Lima atestam a admiração recíproca que havia entre os dois poetas. As cartas – nas quais são citados autores como Fernando Pessoa, Manuel Anselmo, João Gaspar Simões, Osório de Oliveira, Adolfo Casais Monteiro, José Régio, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Tristão de Ataíde, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Murilo Mendes – nos permitem reconstruir elementos biográficos, tais como: a vinda de Serpa ao Brasil, o desejo de Jorge de Lima em conhecer Portugal, a prisão (em 1936) de Serpa durante “duros cinquenta dias”, só porque “manifestara a sua solidariedade com alguns intelectuais presos ou perseguidos políticos, como o seu amigo Adolfo Casais Monteiro” (Saraiva, 2025, p. 15).

Em geral, as cartas atestam um grande intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil, como foi possível constatar no envio de obras de Jorge de Lima (*Poemas escolhidos, O anjo, Tempo e eternidade, Calunga, A Túnica Inconsútil*) para Serpa e de Serpa (*Varanda, 20 poemas da noite, Descrição, Almanaque de lembranças*) para Jorge de Lima, publicadas, sobretudo, no período (1935-1937) em que a troca epistolar entre os dois poetas foi mais intensa. A correspondência traz informações, também, sobre as obras dos dois autores. Por exemplo, é possível acompanharmos a modificação do título de *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, o qual, num primeiro momento, era chamado por Serpa de *Instantes anônimos*. Por fim, as cartas representam um material importante, também, por fornecer dados a respeito da vida literária portuguesa e brasileira entre os anos 1920 e 1950, sobretudo no que diz respeito à trajetória das revistas *Presença* e *Revista de Portugal*.

Referências

CARLOS, Luís Adriano. “Prefácio”. In: SERPA, Alberto de. **Poesia (Varanda, Descrição, Vinte poemas da noite, A vida é o dia de hoje, Drama, Lisboa é longe, Fonte, Rua)**. Ed. II. Porto: Campo das Letras – Editores, 1998, p. 9-13.

GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris: Seuil, 1987.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Entre reescritas e esboços**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2010.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Sobre um projeto de edição crítico-genética da poesia de Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

LIMA, Jorge de. "Roteiro de Revolução". **A manhã**, p. 4, 10 jan. 1942.

MORAES, Marcos Antonio de. "Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação". **Manuscrita**: revista de crítica genética, n. 14, p. 65-70, 2006.

MORAES, Marcos Antonio de. "A Escrava que se conta". In: ANDRADE, Mário de. **A Escrava que não é Isaura**: discurso sobre algumas tendências da poesia modernista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 125-151.

NOGUEIRA, Albano. "A originalidade da poesia de Alberto de Serpa". **Colóquio Letras**, n. 70, p. 54-56, 1982.

RIBEIRO, Carla Patrícia Silva. "Um intelectual orgânico no Estado Novo de Salazar: as ideias e os projetos de luso-brasilidade de António Ferro". **Intellèctus**, ano XVI, n. 2, 2017, p. 45-67.

RIBEIRO, Maria Aparecida. "Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade: poetas de almanaque?". **Convergência lusíada**, n. 32, p. 303-323, 2021.

SANTIAGO, Silviano. "Suas cartas, nossas cartas". In: ANDRADE, Carlos Drummond de e ANDRADE, Mário de. Carlos e Mário. **Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade**. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002, p. 7-33.

SARAIVA, Arnaldo. "Alberto de Serpa e João Cabral". In: FIUZA, Solange e SARAIVA, Arnaldo (Coords.). **Correspondência inédita e anotada – Alberto de Serpa/João Cabral de Melo Neto – O cavalo de todas as cores**. Cotia: Ateliê cultural, 2025, p. 11-28.

SERPA, Alberto de. **As melhores poesias brasileiras**. Seleção, prefácio e notas de Alberto de Serpa. Lisboa: Portugália Editora, 1943, p. 9-18.

Data de submissão: 22/04/2026

Data de aceite: 05/08/2026